



## A METÁFORA EM *TUTAMEIA*: CRIAÇÃO E AMPLIAÇÃO DE SENTIDOS

Ana Maria Rocha Soares<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A presente proposta de discussão constitui o resultado parcial do trabalho de pesquisa realizado durante o curso de Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens e toma como objeto de estudo a obra *Tutameia* (1967), de João Guimarães Rosa, como instrumento representativo para se repensar o papel da obra literária dentro das relações que se travam entre as coisas do mundo (sobretudo o rural) e a linguagem que as representa. Atento às peculiaridades do universo rural, Guimarães Rosa se vale de uma linguagem eminentemente performativa com vistas a garantir visibilidade aos aspectos socioculturais de um mundo ou de uma dada realidade que o autor toma como referência.

Nesta pesquisa, compreende-se a linguagem como mecanismo de mediação e de efetivação das relações do homem com o mundo na medida em que a obra literária – aqui tomada como objeto de estudo – é tratada como produção historicamente construída, cujos valores são pautados tanto nas postulações político-ideológicas de produção, quanto nas configurações socioculturais em que ela se inscreve. A obra literária, aqui, é tratada como instrumento cultural que responde a um momento específico e, como tal, constitui um meio de compreensão dos valores, condutas, crenças, pressupostos ideológicos e da cultura de uma época. E, nesse sentido, *Tutameia* consegue ser um imperativo das relações que a linguagem, num momento específico, trava com o homem, com uma dada região e, enfim, com o mundo.

Dentre os mecanismos dessa lógica performativa, destacam-se os dispositivos linguísticos e poéticos com os quais Rosa consegue garantir à palavra a peculiaridade de consubstanciar-se em “coisa” representativa desse mesmo universo cultural, assim como consegue, mediante o processo metafórico, operar com a palavra (em metáfora) quando em circunstâncias em que esta se mostra insatisfatória ou limitada ante o vasto e complexo repertório das coisas do mundo.

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Endereço eletrônico: [anamarialiterata@yahoo.com.br](mailto:anamarialiterata@yahoo.com.br)



## EMBASAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A presente proposta tem como fundamento os estudos de Hans Blumenberg em *A Teoria da não-conceitualidade* (2013) atinente à ideia de a metáfora tentar superar essa insuficiência do conceito; assim como se consideram as contribuições de Paul Ricoeur em *Teoria da Interpretação* (2005) e em *A metáfora viva* (2015) quanto ao papel da metáfora viva e do símbolo nesse processo de ampliação do significado.

Uma vez que a metáfora é tratada, aqui, como um processo adotado por Guimarães Rosa como mecanismo de criação e recriação de sentidos, faz-se necessário repensar o convencional e arbitrário do conceito ante as circunstâncias de determinação e denominação das coisas que, no mundo, se encontram preche de um sentido (ou conceito). Pensar o arbitrário do conceito permite vislumbrar na obra rosiana uma propensão do autor para criar e recriar conceitos, assim como ampliar e resgatar significados quando da ausência de um conceito satisfatório, assim como em circunstâncias em que a linguagem precisa assumir uma funcionalidade específica. Nesse aspecto específico, busca-se como aporte teórico, além dos estudos de Blumenberg (2013), as contribuições de Ernst Cassirer, em *Linguagem e mito* (1992).

Blumenberg (2013) aponta o papel da metáfora absoluta como compensatória diante da incapacidade do conceito de designar a experiência humana ou a totalidade do universo. Ademais, tanto ele quanto Cassirer situam o conceito como algo articulado, seletivo e, por conseguinte, incapaz de abarcar a complexidade do mundo, o profundo da vida. Nesse sentido, a metáfora torna significativo aquilo que foge do campo da delimitação ou da experiência.

## DISCUSSÃO

Nessa perspectiva, com o presente estudo, vislumbra-se como a metáfora, em *Tutameia*, consegue ser um instrumento que não só garante notoriedade a esse universo específico, como também consegue recuperar, (re)criar e ampliar sentidos para esse mesmo universo que a obra se prontifica a representar. A metáfora é, portanto, operada



com vistas à criação (e sugestão) de significados e seu papel se reserva à superação das circunstâncias em que a palavra (conceito) se mostra insatisfatória ou insuficiente diante a necessidade de designar, nomear as coisas, fatos e circunstâncias da vida, enfim ante o complexo e plural que se nos mostra o mundo.

Procedimento que se dá, na obra, numa ação em que a palavra, entremeada do poético, se consubstancia de uma “carga” sociocultural que identifica uma região, um povo, uma cultura, enfim, uma língua (variedade) que, não obstante descartada pelas instituições oficiais ou por produções convencionalmente aceitas como de prestígio, ganha tonalidade de eminência e razão de existir. O que se patenteia mediante mecanismos de (des)articulação / (re)articulação dessa mesma língua, com os quais o autor lança mão da modalidade padrão ou culta (em sua estrutura), dos neologismos e arcaísmos, mormente dos dispositivos poéticos. Nesse aspecto, o procedimento de Rosa se dá de maneira em que a palavra se metaforiza e é potencializada em alusão (ou sugestão) às necessidades ou inquietações próprias de qualquer homem, seja ele ambientado numa região geograficamente demarcada, seja ele fora dos limites espaço-temporais.

Não obstante, o trabalho de Guimarães Rosa nesse aspecto não se verifica apenas pelo papel de criação e ampliação de sentidos que ele estende à metáfora, mas também por adotar (e também valorizar) os processos metafóricos operados por pessoas cuja relação com a linguagem se dá não exatamente por fins acadêmicos ou por efeitos ornamentais, mas por circunstâncias de uso efetivo, dentro de uma funcionalidade. Entra aí um “performativo” que não se justifica exatamente pelo “decoro”, mas antes um “performativo” que se desvela para revelar especialmente o universo rural; para garantir notoriedade a um mundo que se vê obscurecido pelos espaços e regiões sócio e economicamente mais favorecidos.

Nessa perspectiva, é feita uma análise detida dos contos “Arroio-das-antas”, “Desenredo”, “João Porém, o criador de perus” e “Grande Gedeão”, além de breves considerações de excertos extraídos das várias narrativas nas quais se fazem mais visíveis os processos metafóricos em discussão. Ademais, compreende-se o símbolo como “metáfora não linguística” e, nesse aspecto, elege-se o elemento “rio” como imagem privilegiada nas estórias de *Tutameia* e, como tal, como recurso que funciona como metáfora (ou mito) alusiva às circunstâncias mais sutis e complexas da vida: a ideia do “prosseguir”, por exemplo, se vê metaforizada pela presença constante do rio.

A bem dizer, discute-se o papel que Guimarães Rosa reserva à metáfora em duas circunstâncias especiais: quando da precariedade do sentido embutido no convencional, limitado e arbitrário do conceito, bem como quando do insatisfatório e limitado da palavra



ante o papel de representar o complexo e profundo da vida. Processo esse em que a metáfora parece funcionar como uma espécie de compensação por parte da linguagem diante da sua intrínseca precariedade em representar o inesgotável e plural das manifestações e exigências do mundo (interiorano).

Também, na obra em estudo, vislumbra-se a palavra que aponta ou sugere a possibilidade de ser do homem, da vida, enfim da existência; são assim questões metafísicas mediadas pelas metáforas. Daí dizer que dois mecanismos aí se revelam: a coisa – ou o estado de coisa – que, se não se manifesta em evidência na vida, consegue, na obra de Rosa, ser – ostensivamente ou não – a própria coisa que nomeia; e, ainda, o processo através do qual a palavra, ou expressão, é metafórica e filosoficamente sugerida.

Pode-se apontar aí a perspectiva metafísica da obra, e, nesse aspecto, Guimarães Rosa opera mediante o mesmo procedimento metafórico, porém numa perspectiva em que o “não dizível” do fato ou da vida é manifestado pelo “sugerível” da coisa. Assim, a palavra – poeticamente (re)articulada – funciona como sugestão das inquietações e dúvidas existenciais; funciona como alusão a questões cujos caminhos só podem ser reservados às aporias filosóficas. Daí a linguagem que sugere poeticamente o existir, a vida, a possibilidade de vida, assim como o homem com suas inquietações, anseios e sonhos. Itinerários que só podem ser trilhados pela especulação metafísica e, por conseguinte, pela metáfora.

Para o que não é “dizível”, ou captável, ou melhor, aquilo que se caracteriza como “contrassenso”, o ficcionista busca viabilizar tal processo de sugestão – numa tentativa do “mostrável” – mediante procedimentos poéticos – sobretudo a metáfora – assim como as alusões metafísicas. Dessa forma, o sentido que a palavra assume na referida obra corresponde ao que, na teoria wittgensteiniana, se dá pela “possibilidade”, pelo “vir a ser”, e não exatamente um sentido atrelado a uma “verdade” dentro da realidade circunstante. O sentido manifesta-se por uma “lógica” de linguagem que figura ou traça uma lógica de mundo – sertanejo/rural ou mundana – que apresenta uma “condição” de verdade.

Como tal, cômico do papel representacional da palavra, com a consciência de que a relação entre o nome (palavra, conceito) e a coisa nomeada não se dá de forma direta, Guimarães Rosa, num mecanismo paradoxal, engendra uma lógica de linguagem na tentativa de fazer a palavra tornar-se “coisa”. Não obstante, quando da não possibilidade de dizer ou nomear a “coisa”, Rosa lança mão das metáforas que, por não dizerem, sugerem a coisa na mesma medida em que criam, restituem ou ampliam sentidos.



## CONCLUSÃO

Desse modo, parece que numa circunstância em que palavras e coisas não mais se identificam, não mais garantem uma unidade, o escritor mineiro adota outra opção: se a palavra ou o conceito não conseguem dizer, pelo menos, a metáfora pode sugerir ou criar sentidos quando da mesma carência da linguagem em dizer. E, nesse processo, Rosa se mostra um exímio articulador tanto da palavra quanto de expressões que substituam o vago marcado pela ausência/carência da palavra ou do conceito. Pode-se dizer aí que o procedimento metafórico “dribla” ou nega os conceitos “fechados”, assim como é capaz de construir sentidos e imagens quando da limitação/insuficiência do conceito.

Por conseguinte, discute-se o processo metafórico em *Tutameia* como dispositivo que tanto cria e restitui sentidos quanto revela possibilidades de leituras e configurações do mundo (rural) tomado como referência. Seja mediante a palavra pretensamente dita, seja mediante a metáfora, *Tutameia* consegue ser a amostra de que a vida – em especial, a interiorana – com seus inesgotáveis motivos, merece (e deve) ser lida.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. Metáfora. Performativo. Sentido. *Tutameia*.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte poética**. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BLUMENBERG, Hans. **Teoria da não conceitualidade**. Trad. Luiz Costa Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CASIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaideman. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

LOPES, Edward. **Metáfora: da retórica à semiótica**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1987.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Trad. Dion Davi Macedo. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.



# XII COLÓQUIO NACIONAL E V COLÓQUIO INTERNACIONAL DO MUSEU PEDAGÓGICO



26 A 29 DE SETEMBRO DE 2017

ISSN: 2175-5493

\_\_\_\_\_. **Teoria da Interpretação:** o discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. 1. ed. Edições 70, Lda, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Tutameia:** *terceiras estórias*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2009.